

O ALTO RIO NEGRO E A COSMOPOLÍTICA DO CORPO

WENDEL DE HOLANDA PEREIRA CAMPELO¹

UFAM, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-1931-0178>

MARCELO GUSTAVO AGUILAR CALEGARE²

UFAM, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0001-6814-5300>

RESENHA

BARRETO, João Paulo Lima. **O mundo em mim: uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro**. Editora mil folhas: Brasília, 2022.

Este é o segundo livro do filósofo e antropólogo João Paulo Lima Barreto, pertencente ao povo *Yepamahsã* (Tukano), no qual o autor investiga a noção de corpo e de cuidado de um ponto de vista indígena, sobretudo, dos povos do Alto Rio Negro, de onde ele é oriundo. O livro é resultado de sua pesquisa etnográfica de doutorado, que foi escolhida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) como a melhor tese de Antropologia e Arqueologia do ano de 2022.

¹ Doutor em História da Filosofia Moderna na Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de pós-doutorado na Universidade Federal do Amazonas. E-mail: wendel_filosofia@hotmail.com

² Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: mcalegare@ufam.edu.br

Com base em uma antropologia simétrica inspirada em Bruno Latour, João Paulo de Lima Barreto descreve a medicina indígena do Alto Rio Negro através de uma terminologia que considera ser a mais adequada para referir-se às práticas curativas da região, desvinculando-as dos estigmas impregnados sobre esses povos ao longo dos séculos. Portanto, seu trabalho não deixa de ser um projeto de decolonização, na medida em que visa oferecer outra significação às práticas de cura indígenas. Especificamente, Barreto nota que os conceitos indígenas ligados à cura são frequentemente traduzidos como feitiçaria, benzimento, magia, bruxaria etc. Tais terminologias reiteradas vezes trazem significações pejorativas e preconceituosas a respeito do real significado do conhecimento dos povos indígenas.

Seu interesse em estudar a medicina indígena do Alto Rio Negro na tese de doutorado, cujo resultado na íntegra com pequenas alterações é o livro que resenhamos, deu-se desde o ano de 2009, quando sua sobrinha foi picada por uma cobra jararaca e os médicos do hospital decidiram pela amputação do pé enfermo da menina. Entretanto, seus parentes indígenas negaram que tal procedimento fosse realmente necessário, na medida em que os *Yepamahsã* alegavam ter conhecimentos medicinais ancestrais que dispensariam qualquer medida drástica desse tipo. O plano dos *Yepamahsã* era precisamente recorrer a um tratamento à base de *bahsese* e do uso de plantas medicinais, aliado ao tratamento padrão biomedicinal. Todavia, os médicos não levaram à sério o que os *Yepamahsã* diziam e, por isso, os indígenas foram simplesmente impedidos de fazerem uso de suas práticas curativas, ainda que estivessem amparados por força de lei.

Como nota João Paulo de Lima Barreto, no Alto Rio Negro, os indígenas *Yepamahsã* difundem a prática do *bahsese* (são fórmulas terapêuticas orais e medicinais baseadas nos seus respectivos saberes ancestrais). De modo geral, aquele que detém essas práticas curativas é chamado de *kumu*. Trata-se de uma pessoa que, durante toda sua vida, foi treinada para que um dia se tornasse um especialista, ou, em nossa linguagem, um pajé.

Somente através de uma recomendação do Ministério Público, os familiares conseguiram realizar tal procedimento em outro hospital. Por fim, após um mês de acompanhamento clínico em conjunto com o *bahsese*, a menina indígena já estava com a perna completamente curada e pôde, então, voltar para sua casa. Ao contrário dos médicos, os indígenas *Yepamahsã* não tinham dúvidas de que suas práticas medicinais seriam decisivas para a cura da perna enferma da menina. Não obstante, como João Paulo de Lima Barreto ressalta, é frequente a associação dessas técnicas indígenas com magia, feitiçaria, benzimento etc., em oposição ao conhecimento científico hegemônico. O que sinaliza que tais preconceitos têm uma origem estrutural e não podem ser vistos como meros casos isolados na sociedade.

Tal caso doloroso revela porque é imperativo que a sociedade brasileira seja melhor informada sobre as práticas indígenas, não apenas as medicinais. O caso em questão é respectivamente uma questão de injustiça testemunhal e hermenêutica. A primeira ocorre quando o

preconceito faz com que o ouvinte dê pouca credibilidade à palavra do falante. A segunda, que é estruturalmente anterior à primeira, ocorre quando há uma lacuna nos recursos interpretativos que coloca a pessoa em desvantagem quando se trata de dar sentido aos seus relatos ou experiências. Assim, a injustiça testemunhal ocorrida com os indígenas *Yepamahsã* é simultaneamente decorrente de uma injustiça estrutural hermenêutica, de sistemática e reiterada negação dos seus saberes, particularmente a partir de preconceitos arraigados socialmente contra os povos indígenas³.

Por essa razão, um modo eficaz de combate à injustiça testemunhal é justamente diminuir as lacunas interpretativas e hermenêuticas acerca dos saberes tradicionais e originários. Aliás, este parece ser o propósito do filósofo e antropólogo indígena João Paulo Lima Barreto, de modo que seu novo livro surge como uma relevante ferramenta de decolonização que visa precisamente diminuir essas lacunas interpretativas que ainda são persistentes em nossa sociedade. Pela mesma razão, vale acrescentar que os temas suscitados na sua obra são relevantes para o aprimoramento das práticas de atendimento da área da saúde de usuários de populações amazônicas, respeitando seus modos de existência, não apenas em razão da obediência à lei brasileira, mas também em reconhecer a possível complementariedade de outros saberes no processo de cura.

Feitas essas considerações preliminares, a obra é dividida em introdução, quatro capítulos e considerações finais. Na introdução, João Paulo de Lima Barreto conta sua trajetória de vida desde a comunidade São Domingos Sávio, onde nasceu (*Uremiripa* ou Corredeira do Rouxinol, rio Tiquié, Alto Rio Negro), até a universidade. Revelou detalhes de sua convivência na infância com seu avô paterno, Ponciano Barreto, um especialista *yai* ("pajé"), detentor de *kihti ukũse* (narrativas míticas), *bahsese* e *bahsamori* (conjunto de práticas sociais associadas a distintos elementos da vida dos *Yepamahsã*, que se expressam por festas e cerimônias rituais), assim como com seu pai (Ovídio Barreto), mãe e demais parentes, também especialistas. Na adolescência, relata sua mudança de orientações morais decorrentes da escola e da catequese, incluindo um período num internato. Ao concluir os estudos, voltou à comunidade e trabalhou na escola local por três anos.

Então, decidiu estudar no seminário salesiano, onde cursou Filosofia. Desistiu do sacerdócio e veio concluir Filosofia na UFAM, em Manaus, ao mesmo tempo em que cursou Direito na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Foi um período de grande inquietação, especialmente pelos choques acadêmicos, culturais e interpessoais vivenciados nessas instituições. Não concluiu Direito porque ingressou no mestrado no PPGAS (2011-2013). No doutorado, ingressou em 2016 e concluiu em 2021. Finaliza a introdução apontando seus caminhos acadêmicos de pensar o pensamento indígena, construindo categorias

³ A distinção entre justiça testemunhal e hermenêutica proposta aqui é inspirada em Miranda Fricker (Cf. Fricker, 2007, p.2).

nativas a partir dos conhecimentos de seu povo, bem como detalhes da intenção da criação do centro de medicina *Bahserikowi*⁴.

No capítulo 1, “*Maḥsā ʔhpu Pati: a constituição do corpo*”, João Paulo Lima Barreto conta *kihti ukūse* para explicar como surgiram os seres humanos e, a partir disso, qual a noção de corpo para os especialistas *Yepamaḥsā*, composto pelos elementos que constituem o mundo terrestre: *boreyuse kahtiro* (luz/vida), *yuku kahtiro* (floresta/vida), *dita kahtiro* (terra/vida), *ahko kahtiro* (água/vida), *waikurā kahtiro* (animais/vida), *ome kahtiro* (ar/vida) e *maḥsā kahtiro* (humanos/vida). Pela injeção de *heriporā bahseke wame* (a “força vital”) ao corpo pelo processo de *heriporā bahseke* (benzimentos para atribuir nomes do grupo social ao qual se pertence), há a conexão entre ambos. A partir desses conhecimentos, os especialistas conseguem indicar os cuidados do corpo e das pessoas, usando *bahseke* e práticas curativas contidas nos vegetais, animais, minerais e fenômenos naturais.

No capítulo 2, “*Doatise, Duhtitise e Bahseke: ataques e produção de cuidados do corpo*”, João Paulo de Lima Barreto apresenta os conceitos de *doatise* (doenças, afecções ou desconforto do corpo) e *duhtitise* (ataques causados pelos seres poderosos donos dos diferentes lugares do plano terrestre, denominados de *waimaḥsā*). É através desses conceitos que os *kumuā* (especialistas indígenas) são orientados para diagnosticar alguma doença, afecção, desconforto ou ataque. Depois disso, o *kumu* é então capaz de lançar mão das fórmulas terapêuticas orais do *bahseke* mais eficazes para cura ou atenuação das afecções ou doenças, bem como para regular os elementos constitutivos do corpo.

Os povos do Alto Rio Negro dão atenção especial aos cuidados do corpo, principalmente via *bahseke* e pelo uso de plantas medicinais para prevenir a ação dos agentes de *doatise* ou *duhtitise*. Algumas situações que se deve ter bastante cuidado com o corpo são: gravidez, parto, cura de doenças graves, primeira menstruação, depois de acidente, cortes profundos etc. Barreto destaca a assepsia dos alimentos como uma das formas de prevenção via *bahseke*, tendo em vista que os alimentos são veículos de uma série de *doatise* (como feridas, coceiras, queda de cabelo, amarelão ou até mesmo infecções nos órgãos internos como fígado, estômago e intestino).

No capítulo 3, “*Duhkewehtise e Sutiwehtise: Os modos de transformação do corpo*”, João Paulo de Lima Barreto apresenta os diferentes modos de transformação do corpo. Há precisamente quatro modos de transformação do corpo: a qualificação do corpo pelo *bahseke*, a transformação do corpo pelo *sutiro*, a transformação do corpo após a morte em animal ou vegetal e a transformação de animais em outros animais em determinadas épocas de piracema.

A transformação do corpo da pessoa via *bahseke* não significa dizer que seu corpo será transformado num animal ou outra coisa, mas que ele será portador de certas qualidades úteis para enfrentar determinadas situações, seja para fortalecer o corpo, para aperfeiçoar

⁴ O Centro de Medicina Indígena *Bahserikowi* funciona na rua Bernardo Ramos, 97, localizado no centro histórico da cidade de Manaus/Am.

suas habilidades, entre outras vantagens. Já a assepsia de alimentos, como peixes e frutas, consiste na transformação dos alimentos em superalimentos através do *bahsese*. Além de serem transformados para o consumo humano, tais alimentos também passam a oferecer ainda mais energia ao corpo. Assim, a fabricação do corpo, via *bahsese*, está intimamente ligada ao cuidado sobre ele.

Como nota Barreto, nessa concepção transformacional do corpo, via *bahsese*, não há a ideia de que a pessoa assuma ou adote a perspectiva do “outro” (animal, vegetal etc.), tal como acontece no perspectivismo proposto por Viveiros de Castro. Ao contrário, a transformação, via *sutiro*, é o caso mais similar ao perspectivismo. Mas há algumas ressalvas, pois, para a ontologia dos povos do Alto Rio Negro, os animais não são humanos, não se veem como humanos. No entanto, quando um humano pratica *sutiro* de um animal (veste a “roupa” dele), este consegue absorver a perspectiva de tal animal, adotando os mesmos hábitos alimentares, habilidades etc., sem perder sua subjetividade humana. Sendo assim, o perspectivismo é tão somente uma situação esporádica no caso do Alto Rio Negro.

Além disso, os humanos podem se transformar em animais após a morte, mas, em geral, se transformam em *waimahsã* e há pássaros que se transformam em peixe em determinados períodos do ano (em épocas de piracema). Aliás, a própria concepção transformacional das coisas (dos seres que se transformam em outros seres), no interior da filosofia do Alto Rio Negro, tal como explica Barreto, pode ser assim traduzida como uma piracema de magnitude cósmica.

No capítulo 4, “*Uma etnografia da prática de Bahsese no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi*”, Barreto tem como propósito expor uma etnografia realizada no Centro de Medicina Indígena *Bahserikowi*, a fim de apresentar a articulação de *bahsese* sobre o corpo na prática para atenuar os desconfortos e na construção do corpo pelo uso de *bahsese*, ambas elaboradas pelos *kumuã* (especialistas) que atendem no centro de medicina indígena.

Barreto ainda apresenta alguns especialistas colaboradores do Centro de Medicina Indígena e relata algumas situações inusitadas – por vezes, desconfortáveis – passadas por eles dentro da casa com populares. Não fortuitamente as pessoas criam falsas expectativas de que o “pajé” da casa seria alguém com certos poderes sobrenaturais, com vestimentas e adornos extravagantes, mas frequentemente se decepcionam quando veem ali alguém bem mais comum do que imaginavam. Além disso, Barreto relata alguns casos de usuários do *Bahserikowi*, cujo tratamento tradicional com remédios não resolveu o problema e, por isso, tiveram de recorrer a terapias alternativas, dentre elas, a prática do *bahsese*.

De modo geral, essas pessoas relatam que, uma vez que seus desconfortos não tiveram solução com o tratamento tradicional da biomedicina, amigos ou conhecidos diziam que suas aflições poderiam ter outras causas, como os espíritos da floresta e das águas, e, nestes casos, somente um pajé poderia curá-las. No Centro de Medicina Indígena, os usuários encontram outras explicações para suas doenças, vinculadas às narrativas míticas do Alto Rio Negro e uma abordagem

medicinal focada especialmente no cuidado e na prevenção. Por essa razão, Barreto ressalva que, de acordo com os *kumuã*, é sempre bom respeitar os lugares que não se conhece, por mais que isso pareça insignificante. É sempre recomendável estabelecer uma comunicação com os *waimahsã* responsáveis pelos lugares a fim de garantir a segurança e a evitação de ataques.

Na conclusão, João Paulo Lima Barreto reflete sobre o papel dos *kihti ukũse* (narrativas míticas) e do *bahsese* (fórmulas terapêuticas orais) para a prática dos cuidados com o corpo entre os povos do Alto Rio Negro. Nota-se que tais práticas não estão desvinculadas de uma “teoria” (uma ontologia indígena) através da qual os especialistas indígenas interpretam e diagnosticam as doenças e os desconfortos, bem como daí recomendam um tratamento que eles julgam ser mais adequado. Neste sentido, o conceito *Yepamahsã* de corpo está intimamente vinculado a esses dois tipos de saberes. Os especialistas responsáveis em operar tais conceitos são o *yai*, o *kumu* e o *baya*, não só no intuito de manter o equilíbrio do corpo no nível do microcosmos (individual), mas também do próprio cosmos, cultivando os cuidados e os rituais contra surtos de doenças, acidentes, conflitos sociais, deficiências físicas e mentais, impacto de fenômenos naturais, escassez de recursos naturais etc.

Em suma, recomendamos a leitura desse interessante livro, fruto de uma tese premiada nacionalmente, que nos brinda com a sabedoria do povo *Yepamahsã* e do Alto Rio Negro, o pensamento indígena segundo o próprio indígena. Trata-se de uma obra de grande riqueza de detalhes a respeito do pensamento do Alto Rio Negro, não só pela clarificação dos conceitos, alguns deles já apresentados na obra anterior “*Waimahsã: peixes e humano*” (2018), mas também pelo sucesso das escolhas metodológicas e etnográficas que culminaram numa rica e profunda descrição do conceito de corpo para os povos indígenas do Alto Rio Negro. É imperativo, portanto, enfatizar que a obra de João Paulo de Lima Barreto, “*O mundo em mim: uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro*”, é um instrumento de decolonização e que, por isso, tem como objetivo diminuir as lacunas interpretativas a respeito do modo de pensar dos indígenas que ainda são persistentes na sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

BARRETO, João Paulo Lima. Waimahsã: peixes e humanos. EDUA: Manaus, 2018.

FRICKER, Miranda. Epistemic injustice: Power and the ethics of knowing. Oxford University Press, 2007.

Recebido em: 26/09/2023 * Aprovado em: 07/12/2023 * Publicado em: 30/04/2024
